

SELOS

Tristão de Athayde

Vemos, nuns dos últimos números da *Life*, a reprodução de centenas dos “mais belos selos do mundo”.

Há muitos do Equador, de Cuba, da Polônia, do Japão, das colônias portuguesas da África, dos novos reinos asiáticos, de todas as partes do mundo. Não encontramos, porém, um só que seja do Brasil! Nem um exemplar para consolo. Brilhamos pela ausência total. Merecidamente. Os selos brasileiros são os mais feios do mundo. E no entanto fomos os precursores da selagem das cartas no continente americano. E nossos velhos selos, os famosos *olhos-de-boi*, tinham um traço impressionante. Mas paramos aí. Não sou filatelista. Mas não conheço um só selo brasileiro que se compare aos selos italianos, ou japoneses, ou mexicanos. Ou esses lindos de Angola ou Moçambique, da Áustria ou da Grécia.

A arte filatélica é talvez a mais decorativa das artes menores. O próprio fato da paixão que ela desperta, entre os colecionadores de todo o mundo, é a prova de sua importância. Na União Pan-Americana a seção filatélica dava uma renda ponderável cada ano, pela procura que tinham, em Washington, os selos latino-americanos. E no entanto os nossos faziam sempre um triste papel. Tanto pelo desenho como pela impressão. Eram sempre os mais feios e dos mais mal impressos.

Ainda agora, olhando a variedade e a beleza dessa enorme coleção que a revista reproduz, nas cores originais, vejo como se trabalha bem, na arte filatélica, por quase toda a parte do mundo. Como os selos reproduzem os motivos locais, da flora, da fauna, dos costumes, com uma graça e uma propriedade, que mostram o cuidado e a arte com que são feitos. Há borboletas, leões, coqueiros, elefantes, pinguins, beija-flores, máscaras, peixes, macacos, tigres, flores, besouros, antílopes, figuras mitológicas, quadros de Gauguin, tucanos, lagartos, uma infinita variedade de formas e movimentos. Só quase não há figurões políticos. Não digo que nos só coloquemos politicões e politiquinhos em nossos selos, grandes homens ou figuras apagadas. Não digo tampouco que outros países não selem, por vezes, a sua correspondência com a efigie dos seus reis, presidentes ou ditadores. A variedade postal, em todos os continentes, é tão grande, que há de tudo e o comércio de selos continua a enriquecer colecionadores e a dar campo livre ao bom e ao mau gosto universal.

Mas nessa competição acredito que estamos bem colocados para ganhar a palma do perde-ganha nessa corrida do gosto filatélico. Se alguma revista, amanhã, se resolver a reproduzir, não os “288 mais belos selos do mundo”, mas os dez ou quinze mais feios, estou certo de que chegaremos em boa colocação, talvez tão boa como a corrida inflacionista...

Por que será que em quase trezentos mais belos selos de todo o mundo, não merece figurar um dos nossos? E não figuram porque realmente não merecem figurar. Porque a

nossa arte filatélica não encontrou o seu Villa-Lobos, ou o seu Portinari ou mesmo o seu Girardet, que foi um belo miniaturista e não sei se algum dia se dedicou ao desenho postal. Se o fez, não foi feliz, ou então desconheço essa obra prima oculta.

As artes menores representam mais um país do que as próprias artes maiores. Estas representam, acima de tudo, as suas figuras mais representativas. O povo vem em segundo lugar. Nas artes menores, na indumentária, na cozinha, na decoração, na tipografia, na filatelia, e outras semelhantes é o próprio povo que é representado. Mas o povo é uma entidade coletiva, que tem de manifestar-se por indivíduos isolados. E esses, por sua vez, estimulados pelos responsáveis por aquela espécie de arte. Sendo o selo postal um privilegio do Poder Público, é sobre os nossos Governos que recai a responsabilidade da nossa pobreza filatélica, do mau gosto dos nossos selos, da sua apresentação tipográfica prosaica, da nossa ausência em qualquer competição de beleza internacional no gênero.

Se a África Ocidental Francesa, se Moçambique, se Angola, se o Congo Belga, se Cuba, se o Equador, se o Laos, podem ter selos tão bonitos e tão bem impressos, por que também não poderá tê-los o nosso Brasil? Até quando estaremos condenados ao mau gosto filatélico?



Alceu Amoroso Lima nasceu em 11 de dezembro de 1893 no Rio de Janeiro, partindo aos 89 anos em Petrópolis. Foi crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico. Adotou o pseudônimo Tristão de Ataíde, ao se tornar crítico (1919) n' O Jornal. O pseudônimo distinguia a atividade de industrial da literária: dirigia então a fábrica de tecidos Cometa, herdada de seu pai.

Aderiu ao modernismo em 1922, publicando diversos estudos sobre os principais poetas do movimento. Após publicar seu primeiro livro, o ensaio "Afonso Arinos" em 1922, travou com Jackson de Figueiredo um famoso e fértil debate, do qual decorreu sua conversão ao catolicismo em 1928, tornando-se um líder da renovação católica no Brasil.

Foi o 4º acadêmico da cadeira de número 40 da Academia Brasileira de Letras, de 1935 a 1983. Homenageado pelos Correios em selo comemorativo RHM C-1870 emitido em 29 de outubro de 1993 na série Literatura Brasileira – Dia do Livro.

*Artigo publicado na página 3 do Jornal do Brasil do dia 12 de maio de 1960
Transcrito por José Paulo Braida Lopes.*

*Biografia e formatação de Roberto Antonio Aniche para as Crônicas Filatélicas
www.robortoaniche.com.br*